

CORREDORES DO CARIBE
MAPEAMENTO DOS FLUXOS DE COCAÍNA
PARA A EUROPA



**GLOBAL
INITIATIVE**
AGAINST TRANSNATIONAL
ORGANIZED CRIME

AMAZÔNIA BRASILEIRA

NOVOS CORREDORES DO TRÁFICO E
EXPANSÃO DO CONTROLE CRIMINAL

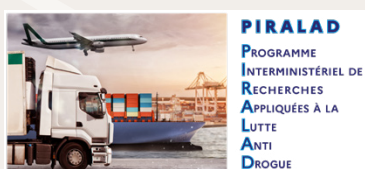
Gabriel Funari

SETEMBRO DE 2026

AGRADECIMENTOS

O autor gostaria de agradecer a Rudja Santos e Fabian Federl pelo apoio inestimável ao longo do trabalho de campo. Agradece também aos nossos principais informantes, que generosamente dedicaram tempo e atenção para fornecer informações essenciais. O autor também agradece profundamente a Romain Le Cour Grandmaison, Gabriel Granjo e à equipe de Publicações da Global Initiative Against Transnational Organized Crime (GI-TOC) por seus comentários e contribuições.

Pesquisa financiada pelo Programa Interministerial de Pesquisa Aplicada ao Combate às Drogas (PIRALAD), no âmbito do Fundo de Apoio à Luta contra as Drogas, e coordenada pela Missão Interministerial de Combate às Drogas e aos Comportamentos de Dependência (MILDECA).



SOBRE O AUTOR

Gabriel Funari é diretor do Observatório de Economias Ilícitas na Bacia Amazônica da GI-TOC. Seu trabalho concentra-se em crimes ambientais, tráfico transnacional de drogas e respostas comunitárias ao crime organizado. É doutor em sociologia pela Universidade de Oxford e mestre em estudos latino-americanos pela Universidade de Cambridge.

© 2026 Global Initiative Against Transnational Organized Crime.
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma ou por qualquer meio sem autorização por escrito da Global Initiative.

Capa: © Autumn Sonnichsen/picture alliance via Getty Images

Para mais informações, entre em contato com:
Global Initiative Against Transnational Organized Crime
Avenue de France 23
Genebra, CH-1202
Suíça
www.globalinitiative.net

SUMÁRIO

Resumo executivo	1
Metodologia.....	3
Principais conclusões	3
O desenvolvimento do tráfico de cocaína na Amazônia	4
Manaus: um polo fundamental na rota da droga na Amazônia	7
A expansão do corredor	11
Amapá: o novo polo do tráfico de cocaína na Amazônia	15
Modelos de negócios criminosos concorrentes	20
Conclusão e recomendações.....	22
Notas	25



RESUMO EXECUTIVO

Em março de 2025, a polícia e as forças navais portuguesas interceptaram, na região dos Açores, um submarino que transportava 6,6 toneladas de cocaína com destino à Europa.¹ A embarcação havia partido de Macapá, no Brasil, cidade situada na foz do rio Amazonas, na costa atlântica.² Sete meses antes, a polícia brasileira havia realizado duas operações de apreensão de drogas mais de 2 mil quilômetros rio acima, na região da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.³ A carga apreendida nas duas operações — pouco mais de 7 toneladas de cocaína destinadas à exportação — foi a maior quantidade da droga já apreendida na Amazônia brasileira.⁴

Essas apreensões representam apenas uma fração dos fluxos transnacionais de cocaína que atravessam a Amazônia. Desde a década de 1980, a região da floresta tropical funciona como um corredor que conecta as áreas produtoras de coca da Colômbia, do Peru e da Bolívia aos grandes mercados consumidores do Brasil e da Europa.⁵ Nos últimos 15 anos, porém, o tráfico de cocaína expandiu-se de forma drástica, impulsionado pelo forte aumento da demanda europeia e pela chegada de grandes organizações criminosas à região, como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV).⁶

Entre 2019 e 2024, as apreensões de cocaína realizadas por forças estaduais nos nove estados brasileiros da bacia amazônica aumentaram em 574%, com mais de 162 toneladas apreendidas nesse período de quatro anos.⁷ Enquanto isso, as apreensões de cocaína pela Polícia Federal na Amazônia brasileira cresceram 84% entre 2019 e 2024, totalizando 118 toneladas no período.⁸

O crescimento do tráfico foi acompanhado de um aumento drástico da violência, à medida que diferentes grupos criminosos e agentes infiltrados no Estado disputam o controle dos lucrativos fluxos de cocaína. Em 2024, os numerosos conflitos armados envolvendo grupos transnacionais do tráfico de drogas, operadores criminosos locais e forças de segurança contribuíram para que a taxa de homicídios na Amazônia brasileira atingisse 27,3 por 100 mil habitantes, 31% acima da média nacional.⁹

Este relatório analisa os mais recentes desdobramentos do tráfico de cocaína na Amazônia, concentrando-se principalmente nos fluxos que atravessam a Amazonia Legal, que atua como um corredor fundamental para as exportações destinadas à Europa. O tráfico regional de cocaína está se tornando cada vez mais diversificado, e grupos criminosos vêm redirecionando carregamentos da droga para o estado brasileiro do Amapá e para a Guiana Francesa, de onde são exportados para a Europa, em vez de seguir a rota tradicional pelo curso do rio Amazonas, cujo ponto de saída há muito estabelecido é o Porto de Vila do Conde, próximo a Belém, no Pará.

O ecossistema da cocaína na Amazônia envolve hoje um grupo cada vez mais diversificado de atores. Entre diversos grupos locais, organizações transnacionais e redes pouco estruturadas envolvidos nesse comércio, o CV está atualmente em crescimento.

Ao longo da última década, o CV conseguiu estabelecer sua autoridade sobre os principais centros das rotas do tráfico de drogas na região. O grupo também expandiu suas operações para além do Brasil. Mantém plantações de coca no Peru e uma aliança de longa data com dissidentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) para transportar cocaína pela Amazônia colombiana. Mais recentemente, integrantes do CV diversificaram suas atividades e passaram a atuar também na mineração ilegal de ouro na Guiana Francesa. É essencial que os órgãos responsáveis pela aplicação da lei na região dediquem maior atenção à expansão do CV pela bacia amazônica, inclusive no Escudo das Guianas.

O principal método de tráfico de cocaína da Amazônia para a Europa consiste em ocultar carregamentos em embarcações pesqueiras capazes de navegar tanto pelos sistemas fluviais amazônicos quanto em águas internacionais. Essa é a principal técnica desde a época dos primeiros cartéis colombianos de drogas, na década de 1980. Este estudo constatou, porém, que os traficantes estão diversificando seus métodos de exportação transoceânica, inclusive por meio de submersíveis, lanchas blindadas e contêineres. Assim, recorrem cada vez mais ao método conhecido como *rip-on/rip-off*, no qual a cocaína é escondida em cargas legítimas ou nos compartimentos dos motores dos contêineres e, posteriormente, retirada nos portos de destino antes das inspeções oficiais.

As modalidades de tráfico também estão se diversificando no interior da própria Amazônia. Pessoas são contratadas como mulas para transportar cocaína em voos regionais, enquanto pequenos aviões e pistas de pouso clandestinas são usados para levar a droga através da vasta extensão da floresta.

As elevadas margens de lucro do comércio de cocaína, impulsionadas pela persistente demanda europeia, facilitaram o desenvolvimento dessas rotas. O cloridrato de cocaína é adquirido nas regiões produtoras da Colômbia e do Peru por aproximadamente US\$ 1 mil por quilo.¹⁰ Ao entrar na Amazônia brasileira, seu valor sobe para entre US\$ 2,5 mil e US\$ 3,5 mil o quilo, chegando a US\$ 4 mil a US\$ 5 mil o quilo no momento em que parte para a Europa.¹¹ Com os atuais preços de varejo na Europa variando entre € 50 mil e € 70 mil o quilo, o tráfico de cocaína proporciona aos grupos criminosos uma sólida fonte de receita.¹²

Esses elevados lucros vêm sendo cada vez mais reinvestidos na mineração ilegal de ouro. Na Amazônia, a extração de ouro é, em sua maior parte, ilegal já na origem; as áreas de extração geralmente situam-se em terras indígenas ou em áreas protegidas, onde qualquer atividade de mineração é proibida. Ainda assim, o ouro amazônico consegue ingressar facilmente nos fluxos do mercado legal graças a brechas na regulamentação do licenciamento. Os investimentos na mineração de ouro permitem que grupos criminosos lavem recursos obtidos ilegalmente com o tráfico por meio da extração e da venda de uma commodity cada vez mais valiosa. Atuar no setor de ouro também ajuda os traficantes a tornarem sua logística mais eficiente, utilizando redes de pequenos aviões, pistas clandestinas de pouso e agentes corruptos das forças de segurança, que garimpeiros ilegais estabeleceram na Amazônia ao longo de décadas. Com o ouro atingindo um recorde de US\$ 5,5 mil por onça em janeiro de 2026, é possível que as conexões entre o tráfico de drogas e a mineração ilegal se intensifiquem, reforçando o crime organizado transnacional e os fluxos de mercadorias ilícitas na região amazônica.

O relatório começa com um panorama da evolução da rota das drogas na Amazônia ao longo do tempo, desde seus primórdios, na década de 1980, quando cartéis colombianos transportavam drogas pelo

rio Amazonas e seus afluentes, até a expansão recente das rotas pela floresta e a ascensão de atores ilícitos violentos. Depois, foca na cidade brasileira de Manaus, que conecta os diferentes fluxos de cocaína na região, para então explorar o papel crescente — e muitas vezes ignorado — do estado do Amapá nas exportações para a Europa. A última seção oferece várias recomendações para fortalecer os esforços multilaterais e locais no combate ao tráfico de cocaína na Amazônia, com destino à Europa.

Metodologia

O relatório baseia-se em trabalho de campo realizado entre maio e junho de 2025 em dois dos principais núcleos da rota da cocaína na Amazônia brasileira: a cidade de Manaus, epicentro do crime organizado na floresta e principal centro logístico dos fluxos transnacionais de drogas pela região; e o estado do Amapá, incluindo a capital, Macapá, e o porto vizinho de Santana, um ponto estratégico para a exportação de cocaína.¹³

Também foi realizada pesquisa de campo na Guiana Francesa entre junho e julho de 2025, inclusive na região de fronteira com o Amapá. Foram realizadas entrevistas com representantes de órgãos estaduais e federais de segurança pública; autoridades governamentais de secretarias de segurança pública; autoridades portuárias; advogados criminalistas; líderes da sociedade civil; traficantes de drogas em atividade e ex-traficantes; além de jornalistas e pesquisadores locais. O relatório também utiliza, como fontes complementares de dados, observações de campo, material da imprensa e pesquisas anteriores da GI-TOC sobre a Amazônia.

Principais conclusões

- Desde 2010, a Amazônia brasileira tornou-se um corredor cada vez mais importante para o transporte de cocaína das regiões produtoras da América Latina para os mercados europeus.
- Ao longo da última década, os traficantes vêm redirecionando cada vez mais suas rotas de Manaus para o Amapá, com Macapá e Santana emergindo como polos fundamentais desse trajeto. Belém, no entanto, continua sendo um importante ponto de saída dos fluxos transnacionais de drogas.
- O CV encontra-se atualmente em ascensão na região, o que permitiu ao grupo assumir um papel de destaque no recente redirecionamento das exportações de cocaína da Amazônia para a Europa por meio do Amapá.
- Os traficantes estão diversificando seus métodos de exportação transoceânica, inclusive com o uso de submersíveis, lanchas blindadas e contêineres para transporte de cargas.
- As estratégias de longo prazo de grandes grupos criminosos transnacionais, como o PCC e o CV, na Amazônia já não se concentram exclusivamente no tráfico de drogas. Esses grupos estão reinvestindo os lucros obtidos com as drogas em diversas outras economias ilícitas da Amazônia, sobretudo na mineração de ouro.
- Para combater a infiltração do crime organizado na Amazônia, as autoridades devem ampliar a cooperação transfronteiriça entre os órgãos de segurança, reforçar a capacidade de fiscalização nos pontos de exportação e direcionar recursos de investigação para enfrentar a convergência entre o tráfico de cocaína e a mineração de ouro.



O DESENVOLVIMENTO DO TRÁFICO DE COCAÍNA NA AMAZÔNIA

Abacia amazônica oferece diversas vantagens estratégicas para os fluxos transnacionais de drogas. Sua principal via navegável, o rio Amazonas, e seus afluentes dão acesso direto a áreas de cultivo de coca no departamento colombiano de Putumayo, na província de Mariscal Ramón Castilla e no departamento de Ucayali, no Peru.¹⁴ Na outra extremidade da rede fluvial, os traficantes têm acesso a portos internacionais na costa brasileira para exportações destinadas à Europa, à África Ocidental e à América do Norte. Como alternativa, podem usar o sistema fluvial para chegar ao mercado varejista brasileiro, o segundo maior do mundo em consumo de cocaína.

A vasta extensão da Amazônia torna praticamente impossível para as forças de segurança locais monitorar o fluxo de mercadorias ilícitas pela região, e até mesmo funções básicas são prejudicadas pelas condições da floresta tropical. O combustível, por exemplo, é extremamente caro, o que impede patrulhas policiais regulares ao longo da rede fluvial, e a maioria das forças policiais sofre com falta de pessoal. A corrupção nas forças policiais locais e nos órgãos governamentais é endêmica, permitindo que diversas atividades ilícitas — entre elas o tráfico de drogas e de animais silvestres, a mineração de ouro e a exploração madeireira — operem sem controle.¹⁵ Nas palavras de um integrante das forças de segurança, a Amazônia é “um terreno fértil para o crime organizado”.¹⁶

Os primeiros cartéis colombianos de drogas estiveram entre as primeiras organizações criminosas a reconhecer o valor estratégico da Amazônia. Com o boom da cocaína a pleno vapor nos Estados Unidos e na Europa na década de 1980, os cartéis de Medellín e Cali viram a Amazônia como uma nova rota importante em seus esforços para escapar da fiscalização das autoridades e alcançar novos consumidores em todo o mundo. Eles estabeleceram alianças com chefes criminosos locais que atuavam no interior da floresta para exportar carregamentos de cocaína pelo rio.¹⁷ O trajeto ficou conhecido como “rota do Solimões”, por onde a cocaína era transportada da região da tríplice fronteira amazônica entre Brasil, Peru e Colômbia até Manaus, um importante centro de transporte (ver Figura 1).¹⁸ Manaus é a maior cidade do estado do Amazonas e possui um porto capaz de receber navios oceânicos.

Durante essa fase inicial do tráfico de drogas na Amazônia, uma pequena parcela da cocaína era transportada em aviões de pequeno porte, provenientes das regiões produtoras da Colômbia e do Peru, até pistas clandestinas nos arredores de Manaus. O principal meio de transporte, porém, era fluvial, em pequenos barcos pesqueiros tripulados por operadores criminosos locais experientes em navegar pelo labirinto de cursos d’água da floresta.¹⁹ Ao chegar a Manaus, as drogas eram desviadas para o Sudeste do Brasil ou transferidas para

embarcações maiores antes de seguir rio abaixo até Belém, onde fica o maior porto internacional da Amazônia brasileira, para então fazer a travessia do Atlântico.

O colapso dos cartéis de Medellín e Cali no início da década de 1990 provocou a primeira mudança na rota das drogas pela Amazônia. As FARC aproveitaram o vácuo de poder resultante e mobilizaram a mesma rede de chefes criminosos locais da Amazônia que Pablo Escobar e seus rivais de Cali haviam usado para exportar drogas pela floresta.²⁰ Ao mesmo tempo, o CV passou a reconhecer as vantagens de se envolver no tráfico de drogas na Amazônia.

Em 1990, o CV já havia se tornado uma força dominante no mercado de drogas do Rio de Janeiro e buscava diversificar suas cadeias de fornecimento de cocaína. Até então, o grupo obtinha cocaína exclusivamente da Bolívia, por meio de rotas terrestres pelo Paraguai. Por iniciativa de um de seus líderes, Fernandinho Beira-Mar, o grupo começou a atuar na região da tríplice fronteira amazônica por volta de meados da década de 1990, com o objetivo de construir uma aliança estratégica com as FARC. O CV fornecia armas brasileiras ao grupo guerrilheiro colombiano, que as pagava com cocaína.²¹ Essa aliança com as FARC foi fundamental para permitir que o CV se expandisse por toda a Amazônia brasileira, à medida que o grupo passou a transportar volumes cada vez maiores de cocaína pela rota do Solimões. A capacidade do CV de obter cocaína diretamente das FARC fez dele um ator de peso no tráfico de drogas da região.²²

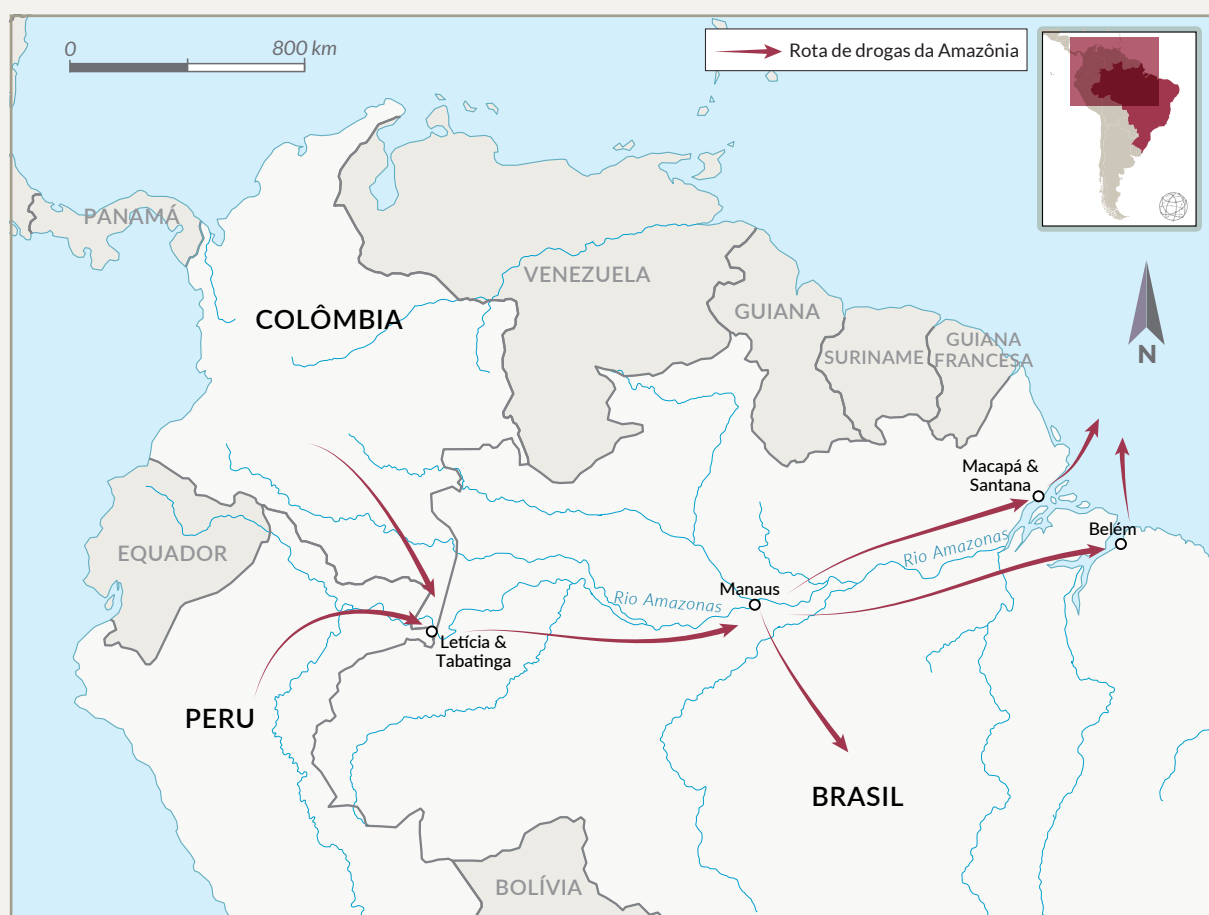


FIGURA 1 Rotas de exportação de cocaína pela Amazônia.

O CV, no entanto, não era a única organização com acesso a fornecedores de cocaína de alta qualidade, nem o único grupo a transportar drogas pela Amazônia. Empreendedores do mercado ilícito, clãs familiares²³ e redes criminosas menores participavam do tráfico de cocaína na região, atraídos pelos elevados lucros e pelo baixo risco de serem capturados nos rios e igarapés amazônicos, pouco policiados.²⁴ Esse ecossistema do tráfico era, em sua maior parte, pacífico, já que nenhum grupo tinha capacidade para monopolizar os milhares de quilômetros de rios que compunham a rota.²⁵ Por isso, aqueles que transportavam drogas em pequenos barcos geralmente não estavam armados.²⁶

A ausência de violência e de disputas armadas permitiu que o tráfico transnacional de drogas pela Amazônia prosperasse no início dos anos 2000. Naquele período, o CV passou a se concentrar na consolidação de sua presença na região metropolitana de Belém, onde o Porto de Vila do Conde oferecia ampla infraestrutura para embarques de drogas em larga escala com destino à Europa.²⁷ Vila do Conde é um dos maiores portos do Brasil e uma das principais vias de escoamento das exportações de soja, uma das commodities mais importantes do país.

Depois de assumir o controle das exportações de drogas por Vila do Conde em 2010, o CV passou a estabelecer formas de governança criminal nas periferias urbanas da cidade. Os violentos confrontos resultantes entre policiais e milícias apoiadas por agentes da polícia rapidamente transformaram Belém em uma das cidades mais violentas das Américas.²⁸ Isso ilustrava outra grande transformação no tráfico de drogas local na Amazônia: na década de 2010, a atividade havia se tornado cada vez mais violenta e competitiva.

O CV acabou superando as milícias locais e estabeleceu acordos estáveis com integrantes corruptos das forças de segurança. Outros grupos criminosos reagiram à monopolização, pelo CV, da rota de exportação por Belém, adaptando suas estratégias de tráfico pela Amazônia. Nesse período, o PCC também passou a atuar na região, como parte de uma estratégia mais ampla de expansão de suas operações de exportação de drogas. Como detalha a seção seguinte, Manaus voltaria a desempenhar um papel central nessa nova dinâmica dos fluxos de cocaína pela Amazônia.



MANAUS: UM POLO FUNDAMENTAL NA ROTA DAS DROGAS NA AMAZÔNIA

Manaus é uma cidade de confluências. Localizada no encontro dos dois maiores rios da floresta, o Amazonas e o Negro, é um polo fundamental para o fluxo do comércio lícito e ilícito (ver Figura 2). A cidade sempre foi um importante centro comercial, onde convergem os diversos povos indígenas da região, assim como comerciantes, imigrantes e pessoas que lucram com atividades ilícitas. A área portuária da cidade está repleta de navios porta-contêineres transatlânticos, barcas, embarcações pesqueiras, navios de cruzeiro e, sobretudo, milhares de barcos de pesca, catraias e outras pequenas embarcações que transportam diariamente pessoas e mercadorias pela floresta.²⁹

Manaus é acessível quase exclusivamente por via fluvial ou por via aérea; a cidade possui um único acesso rodoviário interestadual, pouco utilizado, que liga a porção norte do Amazonas, coberta por densa floresta, ao estado vizinho de Roraima. A Zona Franca de Manaus atraiu dezenas de fabricantes multinacionais para a cidade, além de milhares de imigrantes para trabalhar em suas fábricas. Os fluxos migratórios fizeram com que Manaus passasse por um dos processos de urbanização mais intensos entre as cidades brasileiras nas últimas quatro décadas. A população de Manaus aumentou 14,5% desde 2010, ultrapassando 2 milhões de habitantes em 2024, e quase metade do território da cidade é hoje ocupada por favelas.³⁰

O porto de Manaus desempenha historicamente um papel crucial como polo logístico do tráfico de cocaína. O rio Amazonas conecta diretamente a cidade à região da tríplice fronteira, principal ponto de entrada da cocaína na Amazônia brasileira.³¹ Os traficantes costumam percorrer o trajeto em barcos de pesca ou em embarcações de passageiros. Ao chegar a Manaus, utilizam a ampla infraestrutura portuária da cidade para reabastecer as embarcações e repor suprimentos antes de seguir rio abaixo.

O porto também é um importante ponto de transbordo, onde a cocaína é transferida para outras embarcações destinadas à exportação para a Europa ou escondida em caminhões que seguem para os grandes mercados consumidores de cocaína no Sudeste brasileiro.³² O porto de Manaus é o sexto maior do Brasil em movimentação de contêineres, com 300 mil a 400 mil unidades passando por suas instalações todos os anos.³³

Mas não é apenas o porto principal que favorece o tráfico de cocaína. Segundo um pesquisador local, a “extensa orla e as dezenas de igarapés de Manaus sempre foram usados para embarcar e desembarcar mercadorias de maneira informal”, o que permite que toda a cidade funcione como um porto informal. Essa rede hidrográfica interna tornou-se um foco de atividades criminosas e de disputas, e a maior parte dos homicídios concentra-se nas áreas ribeirinhas.³⁴



FIGURA 2 A cidade de Manaus, um dos principais polos da rota da cocaína na Amazônia.

O ecossistema criminoso local no principal centro urbano da Amazônia é altamente dinâmico e estruturado em torno do tráfico de cocaína e de skunk — uma forma de cannabis de alta potência produzida na Colômbia, que se tornou cada vez mais popular no Brasil nos últimos cinco anos.³⁵

Manaus também funciona como um centro de negociação. Os preços são frequentemente renegociados na cidade, à medida que fornecedores, destinatários finais e seus intermediários locais ajustam os acordos às diferentes oscilações, condições logísticas e riscos de segurança envolvidos. As dificuldades para navegar pela rede fluvial amazônica frequentemente provocam variações substanciais de preço ao longo da rota.³⁶ Aos preços atuais, a cocaína é comprada nas regiões produtoras da Colômbia e do Peru por aproximadamente US\$ 1 mil por quilo.³⁷ Quando chega a Manaus, um quilo de cocaína custa entre US\$ 2,5 mil e US\$ 3,5 mil.³⁸

Os custos podem variar por diversos motivos, em sua maioria decorrentes das características singulares da Amazônia. O combustível para barcos de pesca e embarcações motorizadas provenientes das regiões produtoras é proibitivamente caro. Ao mesmo tempo, o caráter cada vez mais violento e competitivo do tráfico de drogas na Amazônia elevou a demanda por escoltas armadas para acompanhar os carregamentos de cocaína. O preço da segurança varia conforme os homens armados contratados sejam policiais fora de serviço, integrantes das Forças Armadas com alto nível de treinamento ou, simplesmente, operadores criminosos locais.³⁹ A enorme extensão da rota amazônica — apenas a distância entre Tabatinga e Manaus supera mil quilômetros (ver Figura 1) — obriga os traficantes a parar nas pequenas cidades às margens dos rios para abastecer e descansar. Nesses locais, é comum que policiais exijam propina para permitir que os traficantes prossigam viagem, o que aumenta ainda mais os custos dos carregamentos.⁴⁰

Choque de clãs

Em novembro de 2010, o aumento das tensões entre traficantes levou à morte de dois policiais federais na cidade de Anamã, no trecho final da rota do Solimões, nas proximidades da região metropolitana de Manaus.⁴¹ Os dois agentes morreram em uma troca de tiros com traficantes após tentarem, ao amanhecer, realizar uma operação em uma embarcação atracada em Anamã que transportava cocaína. O episódio é considerado um divisor de águas para as forças de segurança locais. Marcou o fim de um período em que os fluxos locais do tráfico de drogas eram, em grande parte, não violentos e de escala relativamente pequena, e o início de uma nova fase em que grupos criminosos bem estruturados passaram a transportar quantidades cada vez maiores de drogas e a ampliar sua capacidade de coerção em toda a Amazônia.⁴²

Muitos dos clãs familiares que, historicamente, ajudaram a transportar drogas pela Amazônia têm base em Manaus. Em sua maioria, são formados por chefes criminosos locais dos bairros periféricos da cidade, que cresceram acentuadamente ao longo da última década.⁴³ Com a chegada do PCC à Amazônia por volta de 2010, esses clãs passaram a ocupar posição central nas disputas pelo tráfico de drogas na região. Incrustados nas periferias de Manaus, também exerciam influência nas prisões locais. Naquela altura, muitos dos líderes locais estavam presos por acusações de homicídio e tráfico de drogas, mas mantinham esquemas de suborno de longa data com agentes penitenciários e integrantes das forças de segurança, que lhes garantiam tratamento privilegiado na prisão e permitiam que continuassem transportando drogas pela região.⁴⁴

A estratégia do PCC para expandir na Amazônia envolvia recrutar detentos com ligações fortes nas prisões do Amazonas, visando facilitar o transporte de drogas pelas rotas fluviais.⁴⁵ Seu principal concorrente, o CV, utilizava uma abordagem semelhante, oferecendo acordos similares a franquias para famílias de clãs. Essas estratégias rivais provocaram uma onda de violência nas prisões do Amazonas, com presos ligados a ambos os grupos lutando pavilhão por pavilhão para criar alianças com redes criminosas locais.⁴⁶ A violência também se deslocou para além das prisões, com o CV e o PCC travando confrontos armados ao longo das rotas de drogas na região para interromper os carregamentos um do outro. Embora o Brasil tenha registrado uma redução de

5,2% nos homicídios no país entre 2011 e 2022, a região amazônica teve um aumento de 76,7% no mesmo período. Os dados mais recentes sobre homicídios, referentes a 2024, indicam a continuidade desse padrão, com os confrontos de criminosos contribuindo para que a taxa anual de homicídios na Amazônia brasileira ficasse 31% acima da média nacional.⁴⁷

Nesse cenário brutal e em rápida transformação, os chefes criminosos locais do Amazonas uniram forças por volta de 2011 sob a bandeira da Família do Norte (FDN). A FDN era um grupo criminoso sediado em Manaus que atuava desde 2004.⁴⁸ Formada inicialmente como uma pequena organização de tráfico varejista no bairro da Compensa, em 2012 já participava de grandes operações de tráfico em todo o estado do Amazonas. O nome da FDN ressaltava o caráter familiar do tráfico de drogas na Amazônia, no qual famílias inteiras participam da atividade. De fato, é comum que as mulheres de chefes criminosos administrem pontos de venda de drogas locais nas ruas enquanto seus maridos estão presos.⁴⁹

Em 2012, a FDN decidiu aliar-se ao CV para conter a crescente presença do PCC na Amazônia. Em 2014, porém, rompeu a aliança e passou a atuar de forma independente. O grupo tornou-se uma força dominante nas cidades gêmeas de Leticia e Tabatinga, na região da tríplice fronteira, e estabeleceu vínculos com a elite política local.⁵⁰ O domínio da FDN sobre esse ponto crucial ameaçava, no longo prazo, a capacidade do CV e do PCC de chegar aos fornecedores de cocaína e de exportar a droga pelo rio Amazonas e seus afluentes. Os dois grupos reagiram, intensificando as disputas armadas com a FDN, sobretudo nas prisões onde líderes da organização estavam detidos. Isso levou a uma série de represálias violentas, a mais notória delas um massacre em uma prisão de Manaus, em janeiro de 2017, no qual a FDN matou 56 integrantes do PCC.⁵¹

O massacre — organizado pelo líder da FDN, Zé Roberto, e por seus filhos — tinha como objetivo dismantelar a rede de tráfico de drogas do PCC na Amazônia.⁵² Começou com uma rebelião promovida por presos da FDN, que assumiram o controle da prisão usando armas introduzidas clandestinamente durante os horários de visita.⁵³ A rebelião durou 17 horas, período em que integrantes da FDN invadiram o bloco de celas onde estavam os membros do PCC e os mataram com armas de fogo, facas e ateando fogo às celas.⁵⁴

Corpos de presos ligados ao PCC foram lançados para fora dos muros da prisão; seis deles haviam sido decapitados.⁵⁵ Ao todo, 12 agentes penitenciários e 14 presos foram feitos reféns. Durante as negociações para libertá-los, a FDN aproveitou o controle da prisão para promover uma fuga em massa envolvendo mais de 130 detentos. Vários desses fugitivos foram executados sumariamente por policiais nas áreas de floresta ao redor da prisão.⁵⁶

Outro massacre em presídios ocorreu ao longo de dois dias, em maio de 2019, quando 55 integrantes da FDN foram mortos em quatro penitenciárias de Manaus.⁵⁷ Segundo relatos, o massacre de maio de 2019 teve origem em uma divisão interna da FDN: alguns de seus líderes queriam restabelecer uma aliança com o CV, enquanto outros pretendiam manter a independência do grupo.⁵⁸ Há também indícios de que o massacre tenha sido instigado após João Branco, um dos líderes da FDN, matar um policial civil, levando policiais locais e agentes penitenciários a estimular divisões internas na FDN com o objetivo de dismantelar o grupo. Segundo relatos, integrantes das forças de segurança permitiram a entrada clandestina de armas nos quatro presídios para que o massacre pudesse ocorrer.⁵⁹

Qualquer que tenha sido a causa, as mortes de maio de 2019 enfraqueceram a FDN, e seus líderes sobreviventes decidiram voltar a se aliar ao CV.⁶⁰ Depois de quase uma década de competição violenta pelo controle do tráfico de drogas local, que havia desgastado os líderes da FDN, reintegrar-se

ao CV era uma solução mais atraente do que unir forças com o PCC. O CV adota uma abordagem menos intervencionista do que o PCC (ver seção abaixo); sua liderança central, no Rio de Janeiro, emite apenas orientações ocasionais a seus grupos afiliados em todo o Brasil.⁶¹ Por isso, chefes criminosos locais preferem cooperar com o CV em vez do PCC, já que enfrentam muito menos supervisão sobre suas operações e têm menos regras a seguir.

A reintegração da FDN fortaleceu o CV e permitiu que o grupo saísse vitorioso, em 2020, da disputa territorial regional contra o PCC. Desde então, a única região da Amazônia onde o PCC ainda está em ascensão é o estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela.⁶² Em fevereiro de 2020, o CV assumiu o controle dos pontos de distribuição de drogas em Manaus. Desde então, todos os anos, em 10 de fevereiro, o grupo promove queimas de fogos por toda a cidade para comemorar a vitória e reafirmar sua autoridade criminal sobre o maior centro urbano da Amazônia.⁶³ O grupo exerce controle territorial sobre a grande maioria das favelas e conjuntos habitacionais da cidade, o que se evidencia nas numerosas pichações do CV que hoje ocupam os espaços públicos de Manaus.⁶⁴

A presença crescente de vários grandes grupos criminosos na Amazônia não resultou apenas em um ecossistema do tráfico de drogas muito mais violento e competitivo. Também aumentou o volume de cocaína transportado pela Amazônia para a Europa e para o Brasil. ■

Supostos integrantes do Comando Vermelho são presos durante uma operação policial em uma das favelas do Brasil, em outubro de 2025. © Mauro Pimentel/AFP via Getty Images



A expansão do corredor

Embora os dados sobre apreensões policiais sejam um indicador imperfeito para medir a dimensão de um mercado local de drogas e, portanto, devam ser tratados com cautela, os números de apreensões em toda a Amazônia brasileira são compatíveis com as mudanças na dinâmica das economias ilícitas locais. Os fluxos de cocaína pela floresta aumentaram desde o início da década de 2010, impulsionados pela maior competição entre grupos criminosos transnacionais. Como não houve aumento significativo da capacidade policial nesse período, o crescimento das apreensões indica uma expansão do tráfico de cocaína pela Amazônia. Somadas as apreensões realizadas pelas forças estaduais e federais, as autoridades confiscaram mais de 200 toneladas de cocaína na Amazônia brasileira entre 2019 e 2024.⁶⁵ Integrantes das forças de segurança estimam que essas apreensões representem menos de 10% do volume total de cocaína traficado pela Amazônia brasileira.

Esse crescimento drástico do tráfico de cocaína também resulta do aumento da produção, decorrente da expansão do cultivo de coca na última década nas regiões amazônicas do Peru e da Colômbia.⁶⁶ As áreas de cultivo de coca na província peruana de Ucayali, por exemplo, quadruplicaram entre 2020 e 2022 e, atualmente, mais de 14 mil hectares são destinados à cultura.⁶⁷ Esse aumento é resultado da expansão do CV para o Peru a partir de 2015.⁶⁸ O grupo implantou plantações de coca, com laboratórios para transformar as folhas em cloridrato de cocaína, e obriga agricultores locais e jovens indígenas a trabalhar nessas áreas, prometendo salários de até US\$ 500 por mês — aproximadamente o mesmo valor da renda mensal média de uma família inteira na província de Ucayali.⁶⁹ Na prática, porém, o CV frequentemente paga os trabalhadores das plantações com pasta-base de cocaína e depois os incentiva a vendê-la em suas comunidades de origem. Essa prática está contribuindo para o aumento do consumo problemático de drogas entre as comunidades indígenas na região da tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia.

As plantações de coca controladas pelo CV estão se expandindo no Vale do Javari, na fronteira entre o Brasil e o Peru. Algumas chegam até as margens do rio Javari, afluente do Amazonas que marca a fronteira entre os dois países.⁷⁰

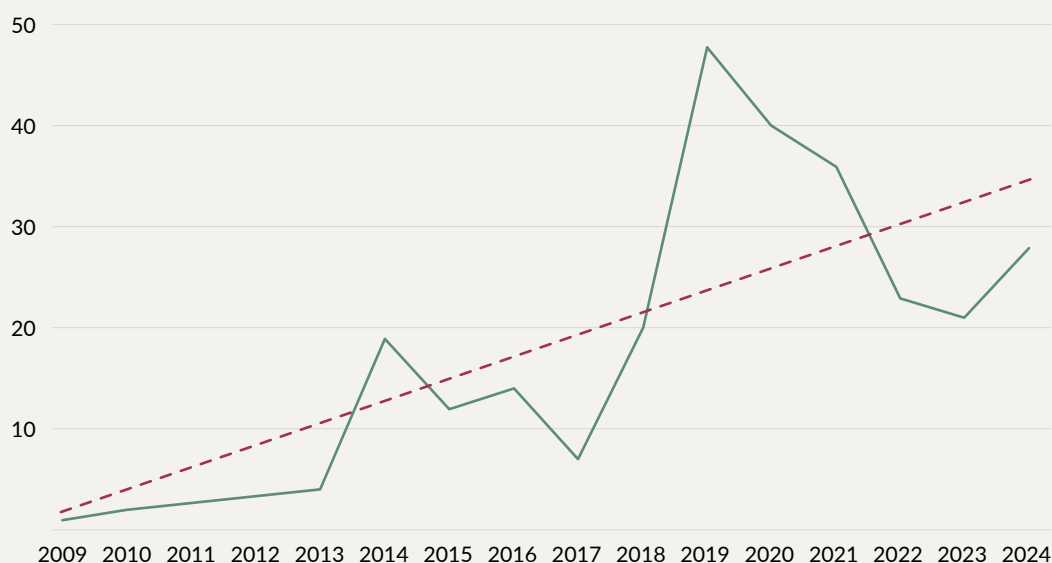


FIGURA 3 Apreensões de cocaína por forças federais de segurança nos nove estados da Amazônia brasileira, 2009-2024.

FONTE: Polícia Federal do Brasil

O CV transporta a cocaína que produz no vale, escondendo pacotes em carregamentos de pirarucu, espécie de peixe extremamente valiosa que o grupo também captura ilegalmente na região.⁷¹ O pirarucu é uma das maiores espécies de peixes de água doce do mundo, podendo pesar até 200 quilos e atingir 3 metros de comprimento. Sua carne é muito valorizada na Amazônia e também nos mercados internacionais da América do Norte, da Ásia e da Europa, enquanto sua pele é utilizada por grandes empresas do setor de moda na fabricação de artigos de couro.⁷² O pirarucu quase foi extinto na década de 1960 devido à pesca excessiva, e a terra indígena do Vale do Javari é um dos últimos locais onde o peixe ainda pode ser encontrado. Isso levou ao surgimento de um amplo ecossistema de tráfico de fauna silvestre, no qual operadores locais de atividades ilícitas entram em território indígena para capturar ilegalmente peixes.⁷³ Ao longo da última década, esses traficantes locais se aliaram aos operadores das plantações de coca do CV nas proximidades para coordenar carregamentos de peixes e de cocaína que percorrem o território do Javari.

Outro fator importante por trás do aumento do tráfico regional de cocaína foi o crescimento da demanda europeia. Desde 2016, o consumo de cocaína vem aumentando de forma constante em toda a Europa.⁷⁴ Com os preços atuais de varejo de um grama de cocaína situados, em média, entre € 50 e € 70 nas principais cidades europeias, as margens de lucro dos traficantes foram significativas ao longo da última década, mesmo diante de análises recentes que apontam para um excesso de oferta de cocaína no mercado europeu.⁷⁵ Os lucros persistentemente elevados do mercado europeu de drogas incentivaram os traficantes a exportar mais cocaína pelo corredor amazônico, em vez de utilizar a rota mais longa e indireta pelos maiores portos internacionais do Brasil, como Santos e Itaguai, no Sudeste.⁷⁶

A expansão do corredor de drogas da Amazônia também foi impulsionada pela incorporação de novas rotas através da floresta. Na verdade, como observou uma fonte das forças de segurança, já não é possível falar em uma única rota do tráfico de drogas na Amazônia:

Essa narrativa da rota do Solimões, segundo a qual há uma única rota, já não tem qualquer relação com a realidade. Essa ideia foi difundida pela imprensa e por alguns órgãos policiais na tentativa de compreender o que, na verdade, se tornou um problema muito complexo, que evoluiu gradualmente ao longo do tempo.⁷⁷

Em vez de transportar carregamentos apenas pelo Amazonas, os traficantes também seguem o curso do rio Putumayo, que atravessa as regiões produtoras de coca do departamento de Putumayo, na Colômbia, e entra no Brasil, onde recebe o nome de Içá.⁷⁸ A cidade de Santo Antônio do Içá — por onde os carregamentos vindos do Putumayo entram no Brasil — conta com um efetivo de dois policiais federais encarregados de monitorar essa vasta e altamente estratégica área de fronteira.⁷⁹

As rotas também se expandiram mais ao norte do Içá, para as regiões da fronteira entre o Brasil e a Colômbia, no alto rio Negro (ver Figura 4).⁸⁰ Depois que os carregamentos de cocaína entram no Brasil nessa parte da Amazônia, seguem rio abaixo pelo Negro em direção a Manaus ou são transportados pelos traficantes por meio da infraestrutura logística do garimpo ilegal existente na região. Carregamentos de cocaína são enviados em pequenos aviões ou helicópteros, por meio de pistas clandestinas pertencentes a garimpeiros ilegais, para o estado vizinho de Roraima — um dos principais polos de garimpo ilegal da bacia amazônica.⁸¹ Uma vez em Roraima, a cocaína é colocada em caminhões para ser transportada por terra em direção ao sul, até Manaus, ou em pequenas embarcações que seguem pelos rios Branco e baixo Negro, também com destino a Manaus.⁸² Operações policiais em Manaus encontraram cocaína e *skunk* escondidos em compartimentos de caminhões que transportam frutas e chegam à cidade vindos de Roraima.⁸³ Cabe destacar, portanto, que, mesmo com a expansão e a diversificação das rotas de drogas na Amazônia, Manaus continua desempenhando um papel central como principal ponto de transbordo de cocaína na região.



FIGURA 4 Novas rotas da cocaína pela Amazônia.

A conexão entre os fluxos de cocaína e o mercado ilegal de ouro vai além do compartilhamento da infraestrutura logística. O aumento sem precedentes nos preços internacionais do ouro nos últimos cinco anos estimula organizações de tráfico de drogas a expandir sua mineração ilegal na Amazônia. Esses investimentos em ouro não só permitem aos traficantes reinvestir seus lucros em atividades ilícitas altamente lucrativas, como também usam o ouro extraído para comprar cocaína diretamente de fornecedores nas regiões produtoras. Como um ativo difícil de rastrear e fácil de esconder, o ouro se torna uma escolha ideal para facilitar transações de drogas em grande escala, substituindo pagamentos em dinheiro ou o uso de empresas fantasmas, que podem estar sujeitas a fiscalização financeira.⁸⁴

A proliferação de drogas e de ouro nos sistemas fluviais da Amazônia também levou ao surgimento de piratas dos rios. Trata-se de grupos criminosos, muitas vezes com a participação de policiais, que navegam pelos rios da região em lanchas blindadas para roubar drogas e ouro de operadores de atividades ilícitas, além de combustível e motores de embarcações de indígenas e de outros civis.⁸⁵ A ameaça representada por esses piratas dos rios contribuiu para o aumento da circulação de fuzis semiautomáticos e da violência associada ao tráfico de drogas na Amazônia.

Os métodos usados para traficar cocaína na Amazônia também se tornaram cada vez mais variados nos últimos 15 anos. A principal modalidade continua sendo o uso de embarcações pesqueiras que transportam cocaína das regiões produtoras até Manaus, onde a droga é transferida para embarcações maiores com destino à Europa.⁸⁶ Os traficantes, porém, também estão recrutando jovens indígenas como “mulas”, capazes de transportar entre 5 e 10 quilos de cocaína em embarcações de passageiros ou nos voos diários entre Tabatinga e Manaus.⁸⁷ No auge de sua atuação na região da tríplice fronteira, a FDN especializou-se no recrutamento de jovens indígenas para percorrer a rota Tabatinga–Manaus.⁸⁸

Uma prática cada vez mais comum, identificada pelas forças de segurança locais, é esconder pacotes de cocaína em estruturas ocas de madeira fixadas aos cascos de embarcações pesqueiras.⁸⁹ Essas estruturas comportam até 300 quilos de cocaína e passam facilmente despercebidas nas inspeções alfandegárias e policiais.

Outros traficantes têm se mostrado ainda mais ousados e, na última década, passaram a usar lanchas modernas capazes de transportar de 2 a 3 toneladas de cocaína por viagem.⁹⁰ Essas embarcações percorrem toda a rota amazônica, desde as regiões onde a coca é produzida até os pontos de transbordo na costa atlântica. Geralmente, são comandadas por oito a dez traficantes fortemente armados, incluindo ex-militares brasileiros, colombianos e peruanos, responsáveis pela escolta armada dos carregamentos de cocaína.⁹¹ Como esse método exige alto nível de especialização e, consequentemente, é muito caro, seu uso é bem menos frequente do que o tráfico realizado em embarcações pesqueiras.

A consolidação do crime organizado transnacional na Amazônia transformou, portanto, a dinâmica do tráfico de drogas na região. Nos últimos 15 anos, houve uma diversificação das rotas e modalidades utilizadas para transportar drogas pela floresta, ao mesmo tempo em que há indícios claros de que o volume de drogas que atravessa a Amazônia também aumentou drasticamente.



AMAPÁ: O NOVO POLO DO TRÁFICO DE COCAÍNA NA AMAZÔNIA

Os fluxos de cocaína pela Amazônia continuam a recorrer à vasta rede fluvial da região mesmo após deixarem Manaus. A cidade portuária de Santarém é um ponto fundamental nesse trecho final. Localizada a meio caminho entre Manaus e a foz do Amazonas, na costa atlântica, Santarém funciona como ponto de escala para embarcações de passageiros e navios transatlânticos que partem de Manaus. Além de ter acesso direto ao rio Amazonas, Santarém é o ponto de partida da rodovia interestadual BR-163, que percorre mais de 3 mil quilômetros em direção ao sul, rumo ao amplo mercado consumidor de cocaína do Brasil. Em Santarém, caminhões que transportam cocaína para o mercado interno desembarcam das balsas vindas de Manaus e seguem em direção à BR-163.⁹²

Enquanto isso, os carregamentos destinados à exportação internacional continuam rio abaixo a partir de Santarém. Nesse trecho do Amazonas, há centenas de igarapés e ilhas fluviais que os traficantes podem utilizar para escapar das forças de segurança, esconder carregamentos de cocaína e descansar.⁹³ A mais conhecida dessas ilhas é a do Marajó. Uma enorme ilha fluvial com tamanho equivalente à da Suíça, Marajó está localizada pouco abaixo do delta do Amazonas, entre o Amapá e a região de Belém (ver Figura 5). Praticamente não há presença das forças de segurança na ilha e, segundo fontes policiais, ela funciona como uma espécie de “encruzilhada” para os carregamentos de drogas. Ao chegar ali, os traficantes podem decidir se seguem pelo curso principal do Amazonas e por seus afluentes em direção ao noroeste, rumo ao Amapá, onde o rio encontra o oceano, ou se navegam para leste, em direção aos afluentes que chegam a Belém.⁹⁴

Como mencionado anteriormente, o Porto de Vila do Conde, na região de Belém, foi historicamente o principal ponto de exportação de cocaína da Amazônia para a Europa. Nos últimos dez anos, o monitoramento policial no local melhorou, com a instalação de scanners e o aumento do contingente de segurança, para controlar os fluxos de tráfego em um porto já conhecido como importante rota de drogas.⁹⁵ A posição dominante do CV em Belém também dificulta que outros grupos ilícitos movimentem drogas por Vila do Conde. Como consequência, nos últimos anos, os traficantes têm redirecionado cada vez mais suas rotas para o Amapá.⁹⁶

Localizado na fronteira com a Guiana Francesa, o Amapá é um dos menores estados do país, com aproximadamente 700 mil habitantes.⁹⁷ O estado é extremamente isolado e 77% de seu território está coberto por vegetação.⁹⁸ O Amapá não possui ligação rodoviária com o restante do país e é acessível apenas por via fluvial ou aérea. Esse isolamento facilita o fluxo de drogas. A fiscalização limitada das forças federais de segurança atraiu traficantes para o estado e, em particular, para sua capital, Macapá, situada na foz do rio Amazonas, na costa atlântica, e para a vizinha Santana, que possui um porto internacional.



FIGURA 5 Fluxos de cocaína de Manaus por Santarém, Marajó/Santana e Belém, todos importantes nós do tráfico de drogas na Amazônia.

De forma semelhante ao que ocorreu em Manaus há 15 anos, o aumento da competição pelas rotas do tráfico no Amapá tem se caracterizado por níveis elevados de violência. Desde 2016, o estado registra taxas anuais de homicídios muito superiores à média nacional. Em 2024, apresentou a maior taxa entre as 27 unidades da federação do Brasil — 45,1 por 100 mil habitantes —, bem acima da média nacional de 20,8; no ano anterior, Santana havia registrado a maior taxa, de 69,9.⁹⁹

Embora as forças de segurança locais no Amapá atribuam às disputas entre traficantes a principal causa do aumento da violência, o estado também registrou um crescimento expressivo da letalidade policial. Desde 2019, o Amapá é o estado brasileiro com a maior taxa de mortes provocadas por policiais.¹⁰⁰ Segundo dados oficiais, a polícia do Amapá matou 137 pessoas em 2024, o equivalente a 35% de todos os homicídios registrados no estado.¹⁰¹ As forças policiais tendem a apresentar essas mortes como resultado de ações defensivas em confrontos armados com traficantes. Os dados, porém, mostram que as mortes de policiais são pouco frequentes no estado. Entre 2018 e 2021, policiais mataram 430 pessoas no Amapá, enquanto apenas seis agentes morreram em serviço.¹⁰² Em vez de estar restrita a uma suposta “guerra” contra traficantes, a violência policial letal tornou-se uma tendência generalizada que agrava a insegurança no Amapá. Execuções sumárias de civis desarmados por agentes das forças de segurança estão se tornando cada vez mais frequentes em uma região do Brasil que, até uma década atrás, era, em grande parte, pacífica.¹⁰³

Integrantes do PCC e do CV começaram a exportar cocaína pelo Amapá por volta de 2015. Inicialmente, o PCC passou a transportar drogas pelo estado para contornar o domínio do CV na região portuária de Belém.¹⁰⁴ Em uma demonstração de sua força na Amazônia, porém, o CV rapidamente seguiu o mesmo caminho e expandiu sua presença para o Amapá. O objetivo era permitir que o grupo consolidasse seu domínio na Amazônia ao assumir o controle do outro grande polo regional de exportação internacional de drogas.

A chegada desses grandes grupos transnacionais ao Amapá levou rapidamente à criação de organizações criminosas locais que passaram a disputar os lucros do tráfico. Entre elas estão a Família Terror do Amapá (FTA), os Amigos Para Sempre (APS) e a União do Crime do Amapá (UCA).¹⁰⁵ Os fundadores da FTA, do APS e da UCA eram criminosos locais de destaque no Amapá que haviam sido enviados para penitenciárias federais situadas em outras regiões do Brasil. Nessas prisões federais, estabeleceram vínculos estreitos com integrantes do PCC e do CV, o que os levou a formar grupos locais de tráfico de drogas ao retornarem ao Amapá.¹⁰⁶

A FTA é o maior desses grupos locais. Com base na capital, Macapá, conta com 10 mil integrantes e mantém vínculos de longa data com o PCC.¹⁰⁷ O APS, sediado na cidade portuária de Santana, conta com cerca de 4 mil integrantes. Surgiu como uma organização independente que, ocasionalmente, atuava em parceria com o CV, mas foi totalmente incorporada ao grupo em 2024.¹⁰⁸ A UCA, por sua vez, é a menor das organizações e desempenha um papel secundário no tráfico de drogas, com cerca de 2 mil integrantes atuando na região sul do Amapá.¹⁰⁹

A FTA e o APS oferecem apoio logístico a grandes grupos criminosos transnacionais que exportam cocaína para a Europa,¹¹⁰ ajudando a organizar carregamentos que chegam de Manaus e a esconder as drogas em propriedades rurais localizadas nos arredores de Macapá e Santana.¹¹¹ Esses grupos locais, porém, não têm acesso aos carregamentos de cocaína pura. O CV e o PCC cuidam diretamente da exportação da cocaína de alta pureza e fornecem à FTA e ao APS *skunk* e pasta-base de cocaína para venda no mercado consumidor local. O *skunk* e a pasta-base percorrem uma rota inteiramente diferente pela Amazônia daquela utilizada pela cocaína de alta pureza, que é levada ao Amapá por mulas em voos diários de São Paulo para Macapá.¹¹²

No que diz respeito aos fluxos transnacionais de cocaína, o porto de Santana é um importante polo logístico do tráfico no Amapá. A área portuária é consideravelmente menor do que a das instalações de Vila do Conde, em Belém; em 2024, 77 navios transatlânticos atracaram em Santana — o que representa apenas 25% do movimento registrado em Vila do Conde.¹¹³ Diferentemente do porto de Belém, Santana não dispõe de scanner para os contêineres que passam por suas instalações, e as inspeções manuais realizadas por servidores da Receita Federal e por integrantes das forças de segurança são esporádicas.¹¹⁴ Os navios que passam por Santana têm como destino diversos países europeus, entre eles Dinamarca, Alemanha, Irlanda, Portugal, Rússia, Espanha e Reino Unido, além do Sudeste Asiático e do Japão.¹¹⁵ Os navios com destino a Portugal são os alvos mais frequentes dos traficantes para o transbordo de cocaína no porto de Santana.¹¹⁶

Também é importante observar que, embora apenas alguns navios atraquem em Santana a cada ano, o porto e as águas próximas à costa de Macapá também servem como pontos de espera para os cerca de mil navios transatlânticos que fazem anualmente o trajeto até Manaus e de volta.¹¹⁷ As embarcações precisam permanecer nas águas do Amapá, na entrada do Amazonas, à espera da chegada dos práticos, profissionais locais de navegação, os únicos habilitados a conduzi-las pelos rios da região. Processo semelhante ocorre na viagem de volta: os navios que chegam de Manaus precisam esperar de três a quatro dias antes de atravessar as águas turbulentas do delta do Amazonas e entrar no Atlântico.¹¹⁸ Durante esse período, mergulhadores profissionais conseguem introduzir clandestinamente carregamentos de cocaína nos compartimentos dos motores dos navios por meio da técnica de *rip-on*.¹¹⁹ Os grupos criminosos costumam levar de avião, de São Paulo e do Rio de Janeiro, esses mergulhadores, muitos dos quais são ex-integrantes de unidades de elite da Marinha e de ex-bombeiros. As difíceis operações geralmente são realizadas à noite, como explicou um integrante das forças de segurança:

As águas profundas e escuras desse trecho do rio Amazonas podem chegar a 30 metros de profundidade e oferecem pouca ou nenhuma visibilidade. Isso exige dos mergulhadores um nível extraordinário de especialização. Mais impressionante ainda é que, nessas condições, eles conseguem esconder as drogas na caixa de mar [parte do casco do navio que possui uma abertura para a entrada de água do mar utilizada no resfriamento dos motores].¹²⁰



O porto de Santana tornou-se um ponto estratégico para criminosos inserirem cargas de cocaína clandestinamente em navios com destino à Europa. O navio que estava atracado no porto durante uma visita de campo (à esquerda) estava sendo carregado com soja e tinha como destino Kaliningrado, na Rússia. Do outro lado do rio Amazonas, em frente às docas, fica a ilha de Santana (à direita), que constitui um importante centro de distribuição para traficantes de drogas. *Fotos fornecidas.*

Em abril de 2024, a Polícia Federal no Amapá apreendeu 150 quilos de cocaína escondidos em grande profundidade dentro da caixa de mar de um navio atracado no porto de Santana.¹²¹ A Polícia Federal precisou mobilizar mergulhadores especializados de outros estados brasileiros para retirar o carregamento de tablets de droga, depois que um bombeiro local rompeu o tímpano ao tentar alcançá-lo.¹²²

Como demonstrou a apreensão de 6,6 toneladas de cocaína em Portugal em março de 2025, o uso de submersíveis também vem surgindo como uma nova modalidade do tráfico de drogas no Amapá. Essas embarcações conseguem percorrer, submersas, os cursos d'água da floresta, transportando carregamentos de cocaína vindos das regiões produtoras da Colômbia ou fazendo o trajeto vazias.¹²³ Ao chegar ao Amapá, os submersíveis emergem e são deixados em alguma das diversas ilhas fluviais isoladas localizadas nas proximidades dos portos de Santana e Macapá. Ali, se necessário, podem ser carregados com cocaína antes de seguir para a Europa. Segundo policiais federais e locais do Amapá, os submersíveis vêm sendo usados com frequência crescente no tráfico de cocaína ao longo da última década, mas continuam muito menos comuns do que o método *rip-on* ou o transporte direto em embarcações pesqueiras.¹²⁴

A poucas centenas de metros do porto de Santana fica uma ilha fluvial de mesmo nome. O efetivo policial local na ilha é composto por uma viatura e três policiais responsáveis pelo patrulhamento de rotina.¹²⁵ A ilha está situada próxima ao porto de Santana, na margem norte do delta do Amazonas, enquanto a ilha de Marajó fica em direção à margem sul, no estado do Pará (ver Figura 5).

A ilha de Santana tem enorme valor estratégico porque oferece aos traficantes uma importante base territorial em um ponto fundamental de saída dos fluxos de drogas. Grande parte da ilha é coberta por floresta densa, onde os traficantes podem enterrar carregamentos de cocaína enquanto aguardam a oportunidade adequada para embarcá-los.¹²⁶ A ilha também oferece diferentes opções de transporte. Os traficantes podem utilizá-la como base para realizar operações de *rip-on* em grandes navios atracados nos portos de Macapá ou Santana,

ou para carregar cocaína em embarcações pesqueiras menores ou em veleiros que fazem escala na margem sul da ilha.¹²⁷ Do lado de Marajó, não há presença policial e, mesmo durante o dia, é difícil detectar movimentação no trecho do rio entre as ilhas de Marajó e Santana.

Além da principal via de navegação pelo rio Amazonas, os traficantes estão começando a utilizar uma nova rota para exportar cocaína pelo Amapá. Ela começa nas regiões produtoras de coca do norte da Colômbia, de onde a cocaína em tabletes é enviada para o Suriname em pequenos aviões ou lanchas rápidas. Do Suriname, os tabletes são exportados diretamente para a Europa ou transportados para o Amapá em pequenos aviões ou pela rede hidrográfica que se conecta à Guiana Francesa e à fronteira com o Amapá pelo rio Oiapoque.¹²⁸ Essa rota, que atravessa Colômbia, Suriname, Guiana Francesa e Amapá, ainda está em fase embrionária e é muito menos utilizada do que a rota pelo rio Amazonas.¹²⁹ Seu surgimento nos últimos cinco anos, porém, ressalta a crescente importância do Amapá para os fluxos transnacionais de cocaína.

Entre junho de 2024 e junho de 2025, a polícia do Amapá apreendeu cerca de 1 tonelada de cocaína pura no Estado.¹³⁰ Até então, as apreensões anuais de cocaína de alta pureza pelas forças de segurança locais não ultrapassavam 100 quilos.¹³¹ A maior apreensão de drogas da história do Amapá ocorreu no início de junho de 2025. Em uma operação conjunta, as polícias Federal e Civil apreenderam 400 quilos de cocaína em uma área rural de Macapá.¹³² A droga pertencia ao CV, que aguardava a chegada de um mergulhador profissional para esconder os tabletes de cocaína em navios com destino a Portugal que estavam fundeados nos pontos de espera de Santana.¹³³

Em outras partes da Amazônia, estima-se que as apreensões realizadas pelas forças de segurança representem apenas 10% do total dos fluxos de cocaína. Considerando a limitada capacidade operacional disponível no Amapá, é provável que as apreensões no estado representem uma parcela ainda menor.¹³⁴ A divisão de combate a narcóticos da polícia local do Amapá conta com dez agentes e cinco viaturas. A equipe é responsável pelas investigações sobre drogas em todo um estado que, com 142.828 km², é ligeiramente maior que a Inglaterra.¹³⁵ A natureza multimodal e a multiplicidade de rotas do tráfico de drogas no Amapá superam com folga essa capacidade, mesmo diante dos recentes avanços das forças de segurança locais nas apreensões de cocaína. Em junho de 2025, o preço de um quilo de cocaína pura destinada à exportação no Amapá variava entre US\$ 4 mil e US\$ 5 mil.¹³⁶



FIGURA 6 Uma rota emergente da cocaína conecta Colômbia, Suriname, Guiana Francesa e o estado do Amapá, no Brasil.

Modelos de negócios criminosos concorrentes

A topografia e a limitada fiscalização institucional dos cursos d'água locais no Amapá transformaram o estado em uma área de interesse para grupos do tráfico de drogas que buscam diversificar suas exportações e reduzir a dependência de Belém.¹³⁷ De forma semelhante ao que a FDN conseguiu fazer em Manaus antes de ser incorporada ao CV, os grupos criminosos locais que facilitam o tráfico transnacional de drogas no Amapá — a FTA e o APS — estão se tornando autoridades de governança criminal nos bairros periféricos de Santana e Macapá que passaram a controlar.¹³⁸ Eles supervisionam pontos de venda de drogas a céu aberto nas esquinas, arbitram conflitos comunitários e monitoram o fluxo de pessoas que entram e saem de seus territórios.¹³⁹ Esses grupos também atuam em parceria com empresários locais envolvidos no comércio ilegal de ouro para misturar cocaína aos carregamentos ligados à mineração que chegam em aviões particulares às pistas clandestinas espalhadas por Macapá e pela região metropolitana ao redor da capital.¹⁴⁰ Pequenos aviões vindos do Suriname chegam aos diversos locais de mineração ilegal situados em áreas remotas da floresta no Amapá, transportando cocaína, que é misturada a todo tipo de carga, desde equipamentos de mineração até caixões de garimpeiros mortos. Em seguida, as aeronaves fazem o trajeto dos locais de mineração na floresta até Macapá, onde a polícia já encontrou tabletes de cocaína escondidos dentro de caixões.¹⁴¹

A FTA e o APS chegaram a se fundir brevemente em 2020, mas retomaram a disputa territorial no ano seguinte.¹⁴² A violência da dinâmica criminosa local foi agravada pelo fato de os dois grupos terem conseguido adquirir fuzis no Suriname ao longo dos últimos cinco anos.¹⁴³ Integrantes da FTA e do APS também começaram a atuar na Guiana Francesa. Faccionados vinculados aos dois grupos, assim como membros do PCC e do CV, estão presentes em todos os 110 garimpos de ouro da Guiana Francesa, localizadas principalmente nas regiões leste e sudeste do território.¹⁴⁴

Até 2022, a FTA estava em ascensão. O grupo tinha mais de 10 mil integrantes e oferecia ao PCC um parceiro local estável para transportar drogas pelo estado.¹⁴⁵ Nos últimos três anos, porém, o CV expandiu-se agressivamente pelo Amapá. Além de incorporar completamente o APS a suas fileiras, conseguiu convencer milhares de integrantes da FTA a transferir sua lealdade para o CV.¹⁴⁶ Na cidade portuária de Santana, o CV consegue recrutar meninos de apenas 12 anos.¹⁴⁷ O grupo também assumiu o controle das operações de drogas na ilha de Santana.¹⁴⁸ Integrantes das forças de segurança locais observam que o CV exerce forte poder de atração sobre operadores criminosos porque não impõe regras rígidas a seus membros.¹⁴⁹ Isso contrasta fortemente com o PCC, que exige elevado grau de alinhamento de seus integrantes e aliados:

O PCC exige que os integrantes peçam autorização para fazer qualquer coisa. Até os grupos de WhatsApp do PCC seguem diretrizes rígidas. Os integrantes só podem discutir assuntos relacionados a negócios envolvendo drogas. Todos precisam se apresentar e informar quem é seu padrinho na organização. Já os grupos de conversa do CV costumam ser uma bagunça. Acontece de tudo: envio de vídeos, ofertas para transportar drogas, convites para festas, alertas sobre patrulhas policiais circulando em territórios do CV.¹⁵⁰

Esse contraste organizacional entre os dois principais grupos criminosos brasileiros se reflete até nos menores detalhes de suas operações de tráfico na Amazônia. A polícia do Amapá observa que é fácil identificar se os tabletes de cocaína apreendidos no estado, antes da exportação para a Europa, pertencem ao CV ou ao PCC. Os tabletes do PCC são montados meticulosamente, pesam exatamente 1 quilo e são embalados em invólucros impermeáveis, geralmente azuis, cinzas, brancos ou prateados — embalagens

vermelhas são totalmente evitadas por sua associação com o CV¹⁵¹. O CV, por sua vez, usa invólucros pretos ou vermelhos, e seus tabletes muitas vezes têm peso impreciso e são preparados às pressas.

Talvez seja paradoxal que o grupo com uma cultura organizacional menos racionalizada seja justamente o que atualmente domina o transporte de drogas pela Amazônia.¹⁵² É evidente, porém, que o modelo de franquia do CV — no qual os afiliados locais podem operar com interferência mínima da hierarquia central do grupo, sediada no Rio de Janeiro — é particularmente atraente em contextos como o da Amazônia. Grupos locais em cidades como Macapá e Manaus conseguem se beneficiar da entrada de recursos e do acesso às drogas que o CV é capaz de obter, ao mesmo tempo que preservam sua capacidade de governar seus territórios como considerarem adequado, sem a longa lista de regras e códigos de conduta impostos por grupos como o PCC.

Essa promessa de enriquecimento ilícito, com poucas restrições, permitiu ao CV consolidar sua presença nas rotas do tráfico de drogas na Amazônia, incluindo os dois principais pontos de saída dos fluxos de cocaína — Belém e Amapá — e o polo logístico de Manaus. A capacidade de recrutar tanto traficantes de alto escalão de organizações rivais quanto integrantes da base envolvidos no tráfico varejista está transformando o CV em uma força em ascensão. Ao exercer um controle relativamente brando sobre os traficantes locais no que diz respeito à coordenação central de sua liderança, o grupo conseguiu ampliar seu domínio sobre o tráfico de drogas na Amazônia ao longo da última década.

Grande parte da literatura especializada sobre tráfico transnacional de drogas tem destacado o papel do PCC como principal ator nas exportações de drogas pelo Brasil.¹⁵³ Este estudo mostra, porém, que o alcance crescente do CV na região amazônica está transformando o grupo em um ator cada vez mais importante nesse comércio. Pesquisadores e integrantes das forças de segurança locais na Amazônia observam que a cultura organizacional mais indisciplinada do CV pode tornar o grupo, no longo prazo, mais vulnerável ao avanço de concorrentes na região. Ainda assim, está claro que o CV desenvolveu amplos vínculos com traficantes locais, diversificou consideravelmente suas atividades para o comércio de ouro e estabeleceu esquemas de corrupção com autoridades e instituições locais. O grupo também consolidou formas de governança criminal em nível local nos principais polos das rotas de drogas pela Amazônia. Sua posição dominante permite ao CV continuar desenvolvendo relações comerciais com compradores europeus e fortalece sua capacidade de se expandir internacionalmente, aproveitando as oportunidades de lucro ilícito e as fronteiras internacionais porosas da região amazônica.



O crescente poder do Comando Vermelho, evidenciado em parte pela presença cada vez maior de suas pichações, está remodelando as rotas da cocaína pela Amazônia. Foto fornecida

Com a expansão dos grupos do crime organizado e o redirecionamento dos fluxos do tráfico, o Amapá tornou-se um importante centro de exportação de drogas na Amazônia. O surgimento da rota pelo Amapá tem sido amplamente negligenciado por especialistas e integrantes das forças de segurança, que continuam concentrados sobretudo na análise da dinâmica do tráfico por Belém.¹⁵⁴ Enquanto isso, grandes grupos criminosos transnacionais avançaram rapidamente para estabelecer capacidade operacional de longo prazo no Amapá; a violência aumentou substancialmente e os traficantes de cocaína na Amazônia abriram um novo polo de exportação por meio do qual podem levar seu produto aos mercados internacionais.



CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Antes uma região periférica para o crime organizado, a Amazônia está se tornando um corredor cada vez mais importante para o transporte de cocaína das regiões produtoras até os mercados europeus. Os traficantes se aproveitam da limitada capacidade institucional da região e de suas extensas redes fluviais para transportar cocaína pela floresta utilizando uma variedade de métodos e rotas. Os métodos empregados pelos traficantes na Amazônia estão em constante transformação. Do uso rudimentar de mulas em voos a complexas operações de *rip-on*, com drogas escondidas em compartimentos de embarcações, passando pelo desenvolvimento e uso de submersíveis, o transporte de cocaína pela floresta assume formas muito variadas, e os criminosos inovam constantemente.

O número de rotas utilizadas pelos traficantes de cocaína também aumentou, sobretudo desde que a competição violenta entre o CV e o PCC na Amazônia se intensificou em 2010. Atualmente, o CV encontra-se em posição de ascensão na região, o que permitiu ao grupo assumir papel de destaque no recente redirecionamento das exportações de cocaína da Amazônia para a Europa pelo Amapá. Até meados da década de 2010, os fluxos de cocaína deixavam a Amazônia rumo aos mercados europeus exclusivamente por Belém. O porto continua sendo um importante polo dos fluxos transnacionais de drogas. A persistente demanda elevada por cocaína na Europa, porém, contribuiu para aumentar os fluxos pela Amazônia, e operadores de atividades ilícitas vêm recorrendo cada vez mais ao Amapá como ponto estratégico de exportação. A limitada presença das forças de segurança e a reduzida fiscalização institucional no Amapá têm favorecido operadores ilícitos transnacionais que se aliam a redes criminosas locais para transportar cocaína pelo estado.

Esses acontecimentos também foram acompanhados pelo aumento da violência e pela convergência cada vez maior de atividades ilícitas na região. As estratégias de longo prazo de grandes grupos criminosos transnacionais, como o PCC e o CV, na Amazônia já não se concentram exclusivamente no tráfico de drogas. Esses grupos estão reinvestindo os lucros obtidos com as drogas em diversas outras economias ilícitas da Amazônia, sobretudo na mineração de ouro.

As recomendações de políticas públicas a seguir, dirigidas às forças de segurança e aos formuladores de políticas da região, buscam encontrar soluções para o enraizamento do crime organizado na Amazônia e enfrentar os graves desafios socioeconômicos provocados pelo tráfico de cocaína na região.

Ampliar a cooperação transfronteiriça entre as forças de segurança

Este relatório mostra que o tráfico de drogas na Amazônia se transformou em um ecossistema competitivo no qual atua uma variedade de atores criminosos transnacionais. A capacidade desses grupos de operar em diferentes jurisdições nacionais da Amazônia exige níveis mais elevados de cooperação internacional entre os órgãos de segurança. O compartilhamento de inteligência, a realização conjunta de treinamentos e investigações e o estabelecimento de procedimentos que facilitem operações transfronteiriças contra redes de tráfico de drogas são medidas essenciais para melhorar o policiamento na Amazônia.

O recente acordo assinado entre a França e o Brasil para compartilhar tecnologia forense e realizar operações conjuntas de combate aos fluxos ilegais de ouro na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa poderia servir de modelo para acordos de cooperação internacional voltados ao combate ao tráfico de drogas na Amazônia. É preciso considerar, porém, que acordos recentes envolvendo a Guiana Francesa também podem agravar a convergência entre ouro e drogas na região. O acordo de junho de 2025 para eliminar a exigência de visto para brasileiros entrarem na Guiana Francesa provavelmente facilitará a entrada de operadores criminosos brasileiros interessados em ampliar sua presença nas áreas de mineração ilegal de ouro do território.¹⁵⁵ Como observado neste relatório, vários milhares de integrantes de grupos criminosos brasileiros já haviam migrado para a Guiana Francesa antes desse acordo com o objetivo de lucrar com o comércio local de ouro. Uma redução dos controles migratórios pode funcionar como incentivo adicional à expansão de operadores criminosos para a Guiana Francesa.

É essencial, portanto, que as autoridades locais levem a sério a ameaça representada pela expansão do crime transnacional e pela convergência entre economias ilícitas lucrativas na região, mantendo diálogo permanente com pesquisadores especializados no tema e monitorando a movimentação de operadores criminosos.

Reforçar a capacidade de fiscalização nos pontos de exportação

As rotas de drogas na Amazônia estão em constante diversificação, à medida que os criminosos se adaptam à competição de mercado e às mudanças na fiscalização das forças de segurança. O redirecionamento das exportações de cocaína pelo Amapá foi impulsionado, em grande parte, pela capacidade insuficiente do Estado local para conter os fluxos do tráfico, incluindo a ausência de inspeções de contêineres no porto de Santana e nas águas do delta do Amazonas ao redor do porto. Essas tendências exigem uma resposta imediata das forças de segurança, capaz de enfrentar de forma eficaz o aumento das exportações de drogas pelo Amapá. A instalação de scanners para contêineres e o aumento do efetivo da Polícia Federal e da Receita Federal na região proporcionariam avanços imediatos no combate ao tráfico de cocaína no Amapá.

Essa é uma questão especialmente urgente. A concessão, em outubro de 2025, de uma licença para que a Petrobras explore petróleo em grande escala nas águas do Amapá transformará essa parte da Amazônia em um centro comercial ainda mais importante para atores lícitos e ilícitos. A exploração de petróleo no Amapá levará a um aumento expressivo dos investimentos públicos e privados, além de um crescimento populacional que corre o risco de ampliar ainda mais a demanda interna por drogas e fortalecer a capacidade dos grupos criminosos locais de exportá-las para a Europa. O aumento do número de petroleiros nas águas próximas ao Amapá também oferecerá aos grupos criminosos uma maior variedade de navios nos quais poderão esconder drogas. É fundamental, portanto, que o provável reforço da presença institucional no Amapá decorrente do boom do petróleo seja acompanhado por uma melhoria da fiscalização para enfrentar o tráfico de drogas.

Direcionar recursos de investigação para enfrentar a convergência entre cocaína e ouro

A infiltração de grupos transnacionais do tráfico de cocaína no comércio ilegal de ouro está se expandindo em ritmo alarmante em toda a Amazônia, inclusive na região da fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. A persistente demanda elevada por cocaína na Europa está cada vez mais interligada aos preços internacionais recordes do ouro. Como mostra este relatório, os mesmos grupos criminosos atuam no transporte de drogas e na expansão da mineração ilegal de ouro na Amazônia para lucrar com as duas atividades.

Esses mesmos grupos criminosos também estão utilizando ouro ilegal como moeda para comprar cocaína de fornecedores. A convergência entre ouro e drogas precisa ocupar posição central nas prioridades de investigação das forças de segurança locais e dos parceiros internacionais na Amazônia. Entre os objetivos imediatos devem estar o mapeamento dos operadores do tráfico que estão implantando minas ilegais de ouro, a obtenção de informações financeiras sobre como as receitas do tráfico são utilizadas para comprar equipamentos de mineração e o rastreamento das formas pelas quais o ouro ilegal da Amazônia está entrando na cadeia de fornecimento legal, cada vez mais lucrativa. A obtenção dessas informações essenciais ajudará as autoridades a formular respostas adequadas a essa ameaça crescente.



NOTAS

- 1 “Um submarino que partiu do Amapá transportando 6,6 toneladas de cocaína foi interceptado pela Marinha portuguesa”, *Diário do Amapá*, 26 de março de 2025, <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/policia/submarino-que-partiu-do-amapa-e-transportava-66-toneladas-de-cocaina-e-interceptado-pela-marinha-de-portugal/>.
- 2 Entrevista com integrante da inteligência policial, Macapá, junho de 2025.
- 3 Gabriel Funari, *Fronteiras ilícitas: Governança criminal na região da tríplice fronteira amazônica*, GI-TOC, novembro de 2024, <https://globalinitiative.net/analysis/illicit-frontiers-criminal-governance-in-the-amazons-tri-border-region/>.
- 4 Rafael Villarroel, “Polícia Federal faz a maior apreensão de cocaína da história do Amazonas; 4 toneladas foram encontradas”, *CNN Brasil*, 25 de julho de 2024, <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pf-faz-maior-apreensao-de-cocaina-da-historia-do-am-4-toneladas-foram-encontradas/>.
- 5 Gabriel Funari, *Fronteiras ilícitas: Governança criminal na região da tríplice fronteira amazônica*, GI-TOC, novembro de 2024, <https://globalinitiative.net/analysis/illicit-frontiers-criminal-governance-in-the-amazons-tri-border-region/>.
- 6 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Manaus, maio de 2025.
- 7 Fórum Brasileiro de Segurança Pública, *Cartografias da violência na Amazônia 2025*, 12 de dezembro de 2025, <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/c86febd3-e26f-487f-a561-623ac825863a>.
- 8 Ibid. Os dados sobre apreensões de drogas constituem uma medida da atividade das forças de segurança, e não uma medida direta dos volumes de produção ou tráfico de drogas, e, portanto, devem ser interpretados com cautela. Ainda assim, quando avaliadas em conjunto com outros indicadores, as tendências das apreensões podem ajudar a esclarecer mudanças na dinâmica do tráfico e nas economias ilícitas. Na Amazônia brasileira, os padrões das apreensões são, de modo geral, compatíveis com as evidências de mudanças nas rotas do tráfico e de expansão dos mercados ilícitos locais.
- 9 Ibid.
- 10 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Manaus, maio de 2025.
- 11 Ibid.
- 12 GI-TOC, *European Drug Trends Monitor*, edição 4, março de 2026, <https://globalinitiative.net/analysis/european-drug-trends-monitor-1/>.
- 13 Em 2024, o Amapá registrou a maior taxa de homicídios entre os 27 estados brasileiros (45,1 por 100 mil habitantes), substancialmente acima da média nacional de 20,8. Em 2023, Santana, principal cidade portuária do Amapá, foi o município com a maior taxa de homicídios do Brasil, de 69,9 por 100 mil habitantes. Ver Fórum Brasileiro de Segurança Pública, *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, 2025, <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/07/anuario-2025.pdf>; e Ítalo Lo Re, Cerco em porto na Amazônia muda rota do narcotráfico e acirra guerra sangrenta de facções criminosas, *Estadão*, 16 de dezembro de 2024, <https://www.estadao.com.br/brasil/cerco-em-porto-na-amazonia-muda-rota-do-narcotrafico-e-acirra-guerra-sangrenta-de-faccoes-criminosas>.
- 14 GI-TOC, *Amazon underworld: Criminal economies in the world's largest rainforest*, novembro de 2023.
- 15 Gabriel Funari e Gabriel Granjo, *Playing with fire: Criminal networks are driving the Amazon's climate emergency*, GI-TOC, 16 de outubro de 2024.
- 16 Entrevista com policial, Macapá, junho de 2025.
- 17 Gabriel Funari, *Illicit frontiers: Criminal governance in the Amazon's tri-border region*, GI-TOC, novembro de 2024.
- 18 Solimões é o nome local do trecho superior do rio Amazonas entre Tabatinga e Manaus.
- 19 Entrevista com integrante da inteligência policial, Manaus, maio de 2025.
- 20 Gabriel Funari, *Illicit frontiers: Criminal governance in the Amazon's tri-border region*, GI-TOC, novembro de 2024.
- 21 Entrevista com integrante de um órgão federal de segurança pública do Brasil, maio de 2025.

- 22 Gabriel Funari, "‘Family, God, Brazil, guns...’: The state of criminal governance in contemporary Brazil", *Bulletin of Latin American Research*, 41, 404–419.
- 23 A maioria dos grupos criminosos locais que surgiram na Amazônia brasileira entre as décadas de 1980 e 2010 teve origem em famílias extensas que se uniram para organizar o tráfico de drogas em seus bairros. Isso inclui as mulheres dessas famílias, que muitas vezes assumem funções de liderança na organização após a prisão ou morte dos patriarcas em disputas territoriais. A FDN, o maior grupo criminoso a criar raízes na Amazônia brasileira, tem origem precisamente nessa dinâmica familiar.
- 24 Entrevista com autoridade de segurança pública, Brasília, maio de 2025.
- 25 Entrevista com integrante da inteligência policial, Manaus, maio de 2025.
- 26 Ibid.
- 27 Corentin Cohen, Development of the Brazilian drug market toward Africa: Myths, evidence and theoretical questions, *Journal of Illicit Economies and Development*, 1, 2, 134–144.
- 28 Estudos indicam que Belém é a capital com o maior número de mortes violentas no Brasil, G1, junho de 2018, <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/sete-cidades-do-pa-tem-altas-taxas-de-homicidios-e-belem-e-a-capital-com-mais-mortes-violentas-no-brasil.ghtml>.
- 29 Observações de campo do GI-TOC, Manaus, maio de 2025
- 30 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Cidades e estados*, <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/manaus.html>; e MapBiomas, *Destaques do mapeamento anual das áreas urbanizadas no Brasil entre 1985 e 2021*, https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2023/08/MapBiomas_Area_Urbanizada_2022_01_11_comentMH_2.pdf.
- 31 Gabriel Funari, *Illicit frontiers: Criminal governance in the Amazon's tri-border region*, GI-TOC, novembro de 2024.
- 32 Entrevista com autoridade da segurança pública, Brasília, maio de 2025.
- 33 Associação Brasileira dos Terminais de Contêineres, *Estatísticas*.
- 34 Entrevista com pesquisador local, Manaus, maio de 2025.
- 35 Diversas fontes das forças de segurança em Manaus destacaram a importância do tráfico de *skunk* na região, que, aparentemente, vem superando os fluxos de cocaína. Uma forma de cannabis de alta potência, o *skunk* tornou-se popular em todo o Brasil. A droga contrasta fortemente com a forma de cannabis antes predominante no país: uma variedade de baixa qualidade, conhecida como *prensado*, produzida no Paraguai.
- 36 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Manaus, maio de 2025.
- 37 Entrevista com integrante da inteligência policial, Macapá, junho de 2025.
- 38 Entrevista com integrante da inteligência policial, Manaus, maio de 2025.
- 39 Entrevista com pesquisador local, Manaus, maio de 2025.
- 40 Ibid.
- 41 Leandro Prazeres, "Dois policiais federais são mortos em confronto com traficantes no Amazonas", Notícias UOL, 17 de novembro de 2010.
- 42 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Manaus, maio de 2025.
- 43 Entrevista com ex-traficante de drogas, Manaus, maio de 2025.
- 44 Entrevista com pesquisador local, Manaus, maio de 2025.
- 45 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Brasília, maio de 2025.
- 46 Fabio Magalhães Candotti, "Quando a massa erra, o Estado avança: Notas sobre transformações carcerárias em Manaus", *TOMO*, 40, 198.
- 47 Fórum Brasileiro de Segurança Pública, "Cartografias da Violência na Amazônia 2024", 12 de dezembro de 2025, <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/c86febd3-e26f-487f-a561-623ac825863a>.
- 48 Carlos Madeiro, "Com brigas e traições, FDN perde força na guerra contra CV e PCC no AM, Notícias UOL News, 4 de junho de 2019, <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/06/04/com-disputa-e-traicoes-fdn-perde-forca-na-guerra-contr-cv-e-pcc-no-am.htm>.
- 49 Entrevista com pesquisador local, Manaus, maio de 2025.
- 50 Gabriel Funari, *Illicit frontiers: Criminal governance in the Amazon's tri-border region*, GI-TOC, novembro de 2024.
- 51 Fabio Magalhães Candotti, "Quando a massa erra, o Estado avança: Notas sobre transformações carcerárias em Manaus", *TOMO*, 40, 198.
- 52 Entrevista com pesquisador local, Manaus, maio de 2025.
- 53 Fabio Magalhães Candotti, "Quando a massa erra, o Estado avança: Notas sobre transformações carcerárias em Manaus", *TOMO*, 40, 198.
- 54 Adneison Severiano, Suelen Gonçalves e Camila Henriques, "O maior massacre no sistema prisional do AM,' diz secretário sobre a rebelião", G1, 3 de janeiro de 2017.
- 55 Ibid.
- 56 Ibid.
- 57 Ive Rylo, "Mais presos são achados mortos dentro de cadeias em Manaus", G1, 27 de maio de 2019. <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/27/mais-presos-sao-achados-mortos-dentro-de-cadeias-em-manaus-15-morreram-neste-domingo.ghtml>.
- 58 Carlos Madeiro, "Com brigas e traições, FDN perde força na guerra contra CV e PCC no AM, Notícias UOL News, 4 de junho de 2019, <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/06/04/com-disputa-e-traicoes-fdn-perde-forca-na-guerra-contr-cv-e-pcc-no-am.htm>.
- 59 Entrevista com pesquisador local, Manaus, maio de 2025.

- 60 Entrevista com integrante da inteligência policial, Manaus, maio de 2025.
- 61 Entrevista com autoridade da segurança pública, Brasília, maio de 2025.
- 62 Entrevista com policial federal, Macapá, junho de 2025.
- 63 Entrevista com pesquisador local, Manaus, maio de 2025.
- 64 Rafael Soares, "Crime em campanha: Avanço da facção do RJ por Manaus deixa candidatos reféns do tráfico no coração da Amazônia", *O Globo*, 29 de setembro de 2024. <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2024/especial/o-crime-em-campanha-avanco-de-facao-do-rj-por-manaus-deixa-candidatos-refens-do-trafico-no-coracao-da-amazonia.ghtml>.
- 65 UNODC, *The drugs-crime nexus in the Amazon Basin*, novembro de 2023.
- 66 GI-TOC, *Amazon underworld: Criminal economies in the world's largest rainforest*, novembro de 2023.
- 67 Pamela Huerta e Iván Brehaut, "Comando Vermelho takes root in the Peruvian Amazon", InfoAmazonia.
- 68 Ibid.
- 69 Gabriel Funari, *Illicit frontiers: Criminal governance in the Amazon's tri-border region*, GI-TOC, novembro de 2024; Instituto Nacional de Estadística e Informática, *Peru: Comportamiento de los Indicadores del Mercado Laboral a nivel Nacional y en 26 ciudades*, agosto de 2024.
- 70 Ibid.
- 71 Ibid.
- 72 Ibid.
- 73 Ibid.
- 74 GI-TOC, *European Drug Trends Monitor*, edição 1, dezembro de 2024.
- 75 Ibid.
- 76 Entrevista com policial federal, Manaus, maio de 2025.
- 77 Entrevista com integrante da inteligência policial, Manaus, maio de 2025.
- 78 Bruno Abbud, "Piratas, tráfico e garimpo: um rio na rota do crime na fronteira da Amazônia", *Sumaúma*, 28 de abril de 2025.
- 79 Entrevista com pesquisador, Manaus, maio de 2025.
- 80 Ibid.
- 81 Entrevista com integrante da inteligência policial, Manaus, maio de 2025.
- 82 Ibid.
- 83 Ibid.
- 84 Entrevista com autoridade da segurança pública, Manaus, maio de 2025.
- 85 Entrevista com pesquisador local, Manaus, maio de 2025.
- 86 Entrevista com policial federal, Manaus, maio de 2025.
- 87 Gabriel Funari, *Illicit frontiers: Criminal governance in the Amazon's tri-border region*, GI-TOC, novembro de 2024.
- 88 Entrevista com ativista indígena, Manaus, maio de 2025.
- 89 Entrevista com policial federal, Manaus, maio de 2025.
- 90 Entrevista com policial federal, Macapá, junho de 2025.
- 91 Ibid.
- 92 Entrevista com ex-traficante de drogas, Manaus, maio de 2025.
- 93 Entrevista com autoridade da segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 94 Ibid.
- 95 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 96 Entrevista com integrante da inteligência policial, Macapá, junho de 2025.
- 97 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, *Dinâmicas da violência no território brasileiro: Amapá*, 2023.
- 98 Ibid.
- 99 Fórum Brasileiro de Segurança Pública, *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, 2025; Ítalo Lo Re, "Cerco em porto na Amazônia muda rota do narcotráfico e acirra guerra sangrenta entre facções criminosas", *Estadão*, 16 de dezembro de 2024.
- 100 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, *Dinâmicas da violência no território brasileiro: Amapá*, 2023.
- 101 Fórum Brasileiro de Segurança Pública, *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, 2025.
- 102 Marcus Cardoso et al., "Matar e morrer no Amapá: letalidade policial, sentidos de justiça e regimes de desumanização", *Boletim de Análise Político-Institucional*, 36.
- 103 Entrevista com pesquisador, Macapá, junho de 2025.
- 104 Entrevista com autoridade da segurança pública, Brasília, maio de 2025.
- 105 Marcio Dolzan, "How a small state became a drug trafficking route in the Amazon and witnesses a bloody war between the PCC and CV gangs", *Estadão*, 4 de março de 2024.
- 106 Entrevista com advogado criminalista, Macapá, junho de 2025.
- 107 Entrevista com ativista comunitário, Macapá, junho de 2025.
- 108 Entrevista com advogado criminalista, Macapá, junho de 2025.
- 109 Marcio Dolzan, "Como um pequeno Estado virou rota do tráfico na Amazônia e vê guerra sangrenta entre PCC e CV", *Estadão*, 4 de março de 2024.
- 110 Entrevista com autoridade da segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 111 Ibid.
- 112 Ibid.
- 113 Entrevista com autoridade portuária, Santana, junho de 2025.
- 114 Ibid.
- 115 Companhia Docas de Santana, *Programação de navios*.
- 116 Entrevista com autoridade portuária, Santana, junho de 2025.
- 117 Entrevista com autoridade da segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 118 Entrevista com autoridade portuária, Santana, junho de 2025.

- 119 Entrevista com autoridade da segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 120 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 121 Josi Paixão, "Operação da PF localiza mais de 150 kg de drogas escondidas em casco de navio no Amapá", G1, 10 de abril de 2024. <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2024/04/10/operacao-da-pf-localiza-drogas-escondidas-em-casco-de-navio-no-amapa.ghtml>.
- 122 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 123 Entrevista com investigador da Polícia Civil, Macapá, junho de 2025.
- 124 Entrevista com autoridade da segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 125 Entrevista com integrante da Polícia Civil, Macapá, junho de 2025.
- 126 Entrevista com jornalista, Macapá, junho de 2025.
- 127 Entrevista com integrante da Polícia Civil, Macapá, junho de 2025.
- 128 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 129 Ibid.
- 130 Mariana Ferreira, "Balanço da Polícia Civil mostra que quase uma tonelada de drogas foi apreendida em um ano no Amapá", G1, 8 de junho de 2025. <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2025/06/08/balanco-da-policia-civil-mostra-que-quase-uma-tonelada-de-drogas-foi-apreendida-em-um-ano-no-amapa.ghtml>.
- 131 Entrevista com autoridade da segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 132 Rafael Aleixo, "Polícias Civil e Federal realizam a maior apreensão de drogas no Amapá", G1, 4 de junho de 2025. <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2025/06/04/policias-civil-e-federal-realizam-a-maior-apreensao-de-drogas-do-amapa.ghtml>.
- 133 Entrevista com policial civil, Macapá, junho de 2025.
- 134 Laryssa Borges, "Como o tráfico transformou a Amazônia na principal rota de exportação de cocaína", *Veja*, 11 de abril de 2025. <https://veja.abril.com.br/brasil/como-o-trafico-transformou-a-amazonia-na-principal-rota-de-exportacao-de-cocaina/>.
- 135 Entrevista com policial civil, Macapá, junho de 2025.
- 136 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Macapá, julho de 2025.
- 137 Ítalo Lo Re, "Cerco em porto na Amazônia muda rota do narcotráfico e acirra guerra sangrenta de facções criminosas", *Estadão*, 16 de dezembro de 2024, <https://www.estadao.com.br/brasil/cerco-em-porto-na-amazonia-muda-rota-do-narcotrafico-e-acirra-guerra-sangrenta-de-faccoes-criminosas>.
- 138 Entrevista com ativista comunitário, Macapá, junho de 2025.
- 139 Entrevista com jornalista, Macapá, junho de 2025.
- 140 Alex Rodrigues, "PF prende ex-deputado do Amapá em operação contra o tráfico de drogas", Agência Brasil, 20 de outubro de 2021, <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-10/pf-prende-ex-deputado-do-amapa-em-operacao-contr-o-trafico-de-drogas>.
- 141 Entrevista com policial civil, Macapá, junho de 2025.
- 142 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, *Dinâmicas da violência no território brasileiro: Amapá*, 2023.
- 143 Entrevista com integrante de órgão federal de segurança pública, Macapá, junho de 2025.
- 144 Entrevista com pesquisador, Macapá, junho de 2025.
- 145 Entrevista com policial civil, Macapá, junho de 2025.
- 146 Ibid.
- 147 Entrevista com advogado criminalista, Macapá, junho de 2025.
- 148 Entrevista com jornalista, Macapá, junho de 2025.
- 149 Entrevista com policial civil, Macapá, junho de 2025.
- 150 Ibid.
- 151 Ibid.
- 152 É importante destacar que a posição dominante do CV no ecossistema de drogas da Amazônia não equivale a um monopólio. Uma variedade de atores continua envolvida no transporte de drogas pela floresta, desde grupos criminosos altamente estruturados até empreendedores individuais e pequenos consórcios de operadores criminosos.
- 153 Gabriel Feltran, Isabela Vianna Pinho e Lucia Bird Ruiz-Benitez de Lugo, *Atlantic connections: The PCC and the Brazil-West Africa cocaine trade*, GI-TOC, agosto de 2023, <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/c86febd3-e26f-487f-a561-623ac825863a>.
- 154 Fórum Brasileiro de Segurança Pública, *Cartografias da violência na Amazônia 2024*, 6 de dezembro de 2024, <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/c86febd3-e26f-487f-a561-623ac825863a>.
- 155 "França anuncia isenção de vistos para brasileiros entrarem na Guiana Francesa", *Folha de S.Paulo*, 5 de junho de 2025, <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/06/franca-anuncia-isencao-de-visto-para-brasileiros-entrarem-na-guiana-francesa.shtml>.



**GLOBAL
INITIATIVE**
AGAINST TRANSNATIONAL
ORGANIZED CRIME

SOBRE A GLOBAL INITIATIVE

A Global Initiative Against Transnational Organized Crime é uma rede global que reúne 800 especialistas em todo o mundo. A Global Initiative oferece uma plataforma para promover maior debate e abordagens inovadoras como elementos fundamentais de uma estratégia global inclusiva contra o crime organizado.

www.globalinitiative.net